



SEÇÃO: ARTIGOS

Escola de trabalho de base: um ensaio sobre a formação política do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST)*Ground-work School: an essay on the political formation of the Homeless Workers' Movement (MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto)***Julice Salvagni¹**orcid.org/0000-0002-6334-0649
julicesalvagni@gmail.com**Victória Mendonça da
Silva¹**orcid.org/0000-0001-6728-3744
vickymendoncass@gmail.com**Recebido em:** 23 mai. 2023.**Aprovado em:** 31 out. 2023**publicado em:** 19 dez. 2023.

Resumo: Este ensaio tem o objetivo de analisar as estratégias político-ideológicas do trabalho de base, que é o percurso de formação de brigadistas do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). Chamam-se de brigadistas aqueles que desejam ingressar na militância do movimento, cuja inclusão prescinde de uma formação teórica e prática. Buscou-se descrever os processos didáticos e elencar os conteúdos mobilizados ao longo do programa. Para tanto, além de uma descrição da imersão na formação, será apresentado um breve histórico do MTST, além de um debate sobre as perspectivas teóricas dos movimentos sociais e de concepções sobre formação política. Tendo em vista a dinâmica da Escola de Trabalho de Base, que é imbuída por uma premissa educacional freireana, é notória a importância de um processo instituído de formação política aos movimentos sociais.

Palavras-chave: Trabalho de Base. Formação Política. Movimentos Sociais. MTST.

Abstract: This essay aims to analyze the political-ideological strategies of grassroots work, which is the training course of brigadistas of the Homeless Workers' Movement (MTST). They are called brigadiers, those who wish to join the militancy of the movement, whose inclusion does not require a theoretical and practical formation. We sought to describe the didactic processes and list the contents mobilized throughout the program. To this end, in addition to a description of the immersion in training, a brief history of the MTST will be presented, as well as a debate on the theoretical perspectives of social movements and conceptions about political formation. In view of the dynamics of the School of Basic Work, which is imbued by a premise of Freirean education, the importance of an instituted process of political formation for social movements is notorious.

Keywords: Groundwork. Political Formation. Social Movements. MTST.

Introdução

A escolha pela militância é um ato de amor e indignação. Amor àqueles com quem convivemos, mas também a quem sequer conhecemos, através da identificação com seu sofrimento. A capacidade de sentir a dor do outro como se fosse nossa, de quebrar as barreiras da indiferença é o ponto de partida da escolha militante. E ela vem cheia de indignação contra quem faz sofrer e sobretudo, contra o sistema que institucionaliza o sofrimento e a humilhação (BOULOS, 2022, p. 26).



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Este ensaio tem o objetivo de analisar as estratégias político-ideológicas do trabalho de base, que é o percurso de formação de brigadistas do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). Tal programa educacional é dividido em três partes, sendo o primeiro, centralmente o que será usado neste estudo, o que carrega em si um caráter mais teórico em relação aos outros dois, que já supõe práticas dos brigadistas nas atividades regulares do movimento. Esse primeiro módulo, portanto, é composto por aulas virtuais e presenciais, em que são mobilizadas diferentes ferramentas para a discussão dos conteúdos. Sendo as autoras deste estudo participantes do percurso de formação do trabalho de base, tal ensaio seguiu as orientações metodológicas de uma observação participante (ANGROSINO, 2009).

Organizado nos anos 1990, em Campinas, o MTST nasceu em meio a uma conjuntura de forte atuação sindical. O que se debatia na ocasião era a necessidade de uma atuação urbana na luta pela moradia, tendo em vista que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) já estava protagonizando há quase uma década as ações em prol da Reforma Agrária. Segundo os próprios militantes,

[...] a herança política e organizativa do MST possibilitava uma leitura sobre as diferenças entre a luta pela Reforma Agrária, no campo, e a luta urbana, caracterizada por uma dinâmica acelerada e caótica, como é o cotidiano nas periferias das grandes cidades (SIMÕES; CAMPOS; RUD, 2017, p. 27).

Em um contexto de êxodo rural, a explosão do número de periferias contribuiu com certa estabilidade de ocupações, o que representava a emergência do processo de luta pela moradia digna. Com isso, o MTST passou a chamar a atenção de "um grande número de pesquisadores e simpatizantes, que queriam entender melhor a luta urbana e esse 'Movimento Sem-Teto', e o debate em torno de uma estratégia propriamente urbana de atuação" (SIMÕES; CAMPOS; RUD, 2017, p. 27).

Tendo se expandindo expressivamente por todo o país, atualmente o MTST compreende a complexidade dos desafios de lidar com a lógica urbana e a especulação imobiliária. Neste

sentido, mais do que pensar em garantir que as pessoas tenham uma casa em si, também estão presentes pautas em torno da cidade como um espaço onde as pessoas possam manifestar suas individualidades por meio da luta coletiva. Quer dizer, um movimento social pode ser compreendido enquanto diferentes categorias de conhecimento, que "constroem estruturas, desenvolvem processos, organizam e dominam territórios" (FERNANDES, 2000, p. 60).

Sob tal premissa, o movimento se organiza principalmente nas ocupações, mas também realiza trabalhos territoriais e setoriais. Em 2021, mais de 14 estados contavam com Cozinhas Solidárias (ANDRADE, 2022), que são restaurantes populares gratuitos, que oferecem marmitas para a população vulnerável. Em abril de 2023, segundo o site do movimento, já são 31 cozinhas solidárias distribuídas pelo Brasil, todas mantidas por doações organizadas pela própria militância (MTST, 2023).

O MTST também conta com um Núcleo de Tecnologia, em que um coletivo de militantes sociais ajudou a impulsionar a luta cotidiana e abrir mais possibilidades para quem trabalha. A metodologia do ensino do núcleo é "inspirada em Paulo Freire, robótica, internet das coisas, design de webservices e muita, mas muita mão na massa, afinal como dizia Lênin, a prática é o critério da verdade" (NÚCLEO DE TECNOLOGIA DO MTST, 2023). O Núcleo de Tecnologia também foi responsável pela organização de uma plataforma educacional do MTST, que deu todo o suporte tecnológico à formação, salientando o caráter emancipatório de um programa de propriedade comum. Tendo em vista que a propriedade dos dados ilustra uma forma emergente de colonialismo histórico (SINGH, 2023), faz-se necessário pensar que intenções de design subjacentes aos sistemas de dados devem também ser projetadas e orientadas com a finalidade de dissolver as desigualdades sociais.

Partindo dos núcleos com projetos já consolidados, existe também o Juventude Fogo no Pavio, o Movimento Raiz da Liberdade, o PodCast PodOcupá e a forte articulação com a Frente Povo Sem Medo, atuando principalmente na mobilização da população para protestos. O Juventude Fogo no

Pavio surgiu da necessidade de se dialogar com os jovens das ocupações de maneira distinta, trazendo para seu contexto questões sociais e despertando a consciência crítica por meio de oficinas, eventos e acompanhamento. Já o Movimento Raiz da Liberdade luta contra o racismo, denunciando as práticas violentas às quais o povo negro brasileiro é submetido e realizando formações buscando a conscientização dentro dos territórios sobre a situação atual dos negros e negras no país e quais são as perspectivas de luta para movimentos antirracistas.

O Núcleo de Educação, de Comunicação, de Arte e Cultura, de Finanças, de Arquitetura, de Saúde, Jurídico e de Formação atuam permanentemente quanto às demandas do Movimento de maneira organizada com a coordenação de militantes e participação ativa de moradores das ocupações, buscando sua expansão na luta pelos direitos da vida urbana. Chamam-se de brigadistas aqueles que desejam ingressar na militância do Movimento e se tem na Escola de Trabalho de Base a formação teórica e prática para ingressar ou apenas conhecer o MTST. Focando nos procedimentos didáticos utilizados no programa, será apresentado um breve histórico do Movimento, sua inserção em algumas teorias dos movimentos sociais, como Tarrow (1998), Touraine (1994), Melucci (1996) e Gohn (1991, 2008). Após ser abordado um panorama da dinâmica da Escola de Trabalho de Base em suas distintas etapas, compreendeu-se seu caráter educacional de matriz freireana, ao que será abordado na última seção.

MTST e a horizontalidade da educação popular

Segundo Alonso (2009), os sociólogos se dividem em três eixos explicativos sobre os movimentos sociais: a Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), a Teoria do Processo Político (TPP) e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais. A Teoria da Mobilização de Recursos foi desenvolvida por McCarthy e Zald em 1977, afirmando que os movimentos presentes naquele momento tinham sentido e organização, focando no processo de mobilização ao invés das razões por

ela existir. Inspirado em Olson, eles acreditavam que a "decisão de agir seria ato de deliberação individual, resultado de cálculo racional entre benefícios e custos" (ALONSO, 2009, p. 53). Os sociólogos viam no uso de estruturas comunitárias preexistentes a base organizacional para os movimentos sociais. Nessa investigação, a TMR destacou a burocratização dos movimentos sociais e a criação de uma suposta "indústria de movimento social", com cooperação e competição simultâneas.

Tilly, Tilly e Tilly (1975), Tarrow (1992) e McAdam, McCarthy e Zald (1996) são os principais nomes da Teoria do Processo Político. Tilly, Tilly e Tilly defendem a ideia de que o estudo das disputas entre elites e a análise dos movimentos populares pertencem à mesma classe de fenômenos, distinguindo-se pelo grau de organização e uso de violência. Para Tarrow (1998), as mudanças de "estrutura de oportunidades políticas" criam canais para os grupos sociais reivindicarem suas demandas. Na TPP, os agentes coletivos se formam por meio da solidariedade, resultado da combinação entre pertencimento a uma categoria e de como as redes interpessoais se vinculam entre si. Assim, ocorre a mobilização, levando os grupos a criarem valores de solidariedade e a adquirirem controle coletivo para agir posteriormente.

Alain Touraine (1994) distingue a sociedade industrial – com o movimento operário como protagonista – da sociedade programada, ou sociedade pós-industrial –, em que o trabalho perde a centralidade. A fusão do público e privado levou os conflitos para a vida cotidiana do indivíduo, trazendo dimensões simbólicas. Assim, os novos sujeitos destes movimentos poderiam vir de todas as minorias excluídas, tendo em comum uma postura de oposição. Uma postura de pressão social ao invés de combate ao Estado. Touraine retoma o conceito de sociedade civil, demandando uma democratização social.

Para Habermas (1984), o capitalismo tardio gerou uma hipertrofia do Estado, além da expansão da monetarização e da burocratização. Esse processo teria deslocado a energia das reivindi-

cações que formariam novos movimentos sociais, agora representando forças em busca de novas formas de comunicação, justiça, participação e direitos humanos.

Melucci (1996) argumenta que não haveria mais distinção entre as esferas pública e privada, ocorrendo o deslocamento do conflito para o corpo e para as formas religiosas orientadas por um "mito global de renascimento". Os novos movimentos sociais descritos por ele trariam uma nova forma para a resistência, buscando modificar as relações do dia a dia e responder à trajetória do desenvolvimento socioeconômico. Melucci se debruçou sobre a teoria da identidade coletiva, construindo uma nova teoria psicossocial da ação coletiva, em que os indivíduos transformam a ação coletiva pela troca na comunicação e no sentimento de pertencimento. A Teoria dos Novos Movimentos Sociais inclui três dimensões da ação coletiva: da definição de um *framework* cognitivo, da ativação da prática de relações entre atores e do investimento emocional que os leva à identificação e ao senso de pertencimento.

No Brasil, o debate sobre movimentos sociais no séc. XX influenciou na formação de novos agentes sociais, reflexo da globalização. Gohn (2008) cita o Fórum Social Mundial como movimento globalizante atuando em redes sociopolíticas e culturais; movimentos étnicos, como o indígena, que trazem uma especificidade e campo próprio e não são considerados por unanimidade um movimento social; movimentos articulados em redes que acabaram criminalizados pela mídia e órgãos públicos, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST); movimentos ambientalistas contra a construção de barragens, como o da região do rio São Francisco; a conquista do Programa Universidade Para Todos (PROUNI) e do sistema de cotas pelo movimento negro; e por fim, Gohn (2008) cita as ações e as redes cidadãs que fiscalizam e controlam políticas públicas.

Gohn (1991) divide em quatro paradigmas os movimentos sociais urbanos: o histórico-estrutural, o culturalista, o neoidealista e o neopositivista. Dentro do paradigma histórico-estrutural,

pensando especificamente no MTST, destaca-se a correlação de forças sociais existentes entre Estado e conflitos de classe e o somatório de forças que impulsionam os movimentos. Thompson (1979), ao analisar as classes populares inglesas no período pré-industrial, focou na experiência cotidiana para a construção da classe social, em que os sentimentos causados pelas desigualdades sociais levariam à revolta. No culturalismo, no qual se destacam Touraine (1994) e Melucci (1996), os movimentos sociais ocupam o espaço de práticas democráticas que podem pressionar a esfera pública por meio de novas formas de associativismo. O paradigma neoidealista retirou os movimentos sociais do Estado e os realocou na sociedade civil em busca de autonomia, entrelaçando conceitos subjetivos de consciência e resistência, trazendo uma identidade coletiva que leva ao comportamento militante traços solidários e de pertencimento. Por fim, o paradigma neopositivista compreende os movimentos sociais como alertas de desequilíbrios na ordem social, dando ao militante um caráter de descontentamento que ocasionaria as mudanças sociais.

Estudos anteriores indicam que a educação pensada no âmbito dos movimentos sociais pode constituir-se como uma forma de afrontar a educação mercantilista, que é hegemônica nos sistemas de ensino na atualidade (VENDRAMINI, 2007). Nesse sentido, e por incorporar marcadores de cooperação e de solidariedade, os movimentos sociais têm a possibilidade de projetar "a emancipação social em sentido mais amplo do que o proposto pelos princípios abstratos de liberdade e de igualdade, ampliando-se, assim, o horizonte da educação para além da cidadania burguesa" (RIBEIRO, 2002, p. 126), o que constitui a premissa de uma educação popular.

Pensar em educação popular, por sua vez, remete ao legado de Paulo Freire e o contexto sociopolítico "caracterizado por uma específica relação entre as classes populares e as elites políticas" (PACHECO JÚNIOR; TORRES, 2009, p. 21) em que estava inserido. Estando vivenciando a persistência de um quadro social de opressão, pode-se afirmar que a narrativa segue atual, em

que a contradição opressora e desumanizadora leva às barreiras de se apropriar do ser subjetivo. Freire produziu suas falas dentro de um contexto social no qual a Educação servia para atualizar a classe social formada pela industrialização, uma Educação que era apresentada como ferramenta para a ascensão social. Freire introduz então a ideia de uma Educação que, com ética e responsabilidade, "construa junto com o povo todas as possibilidades de decisão política e ação coletiva, a partir dos interesses dos grupos populares" (PACHECO JÚNIOR; TORRES, 2009, p. 25).

Pacheco Júnior e Torres (2009) alertam para a importância de se distinguir a inserção da população vulnerável por meio de práticas assistencialistas da proposta de Educação Popular de Paulo Freire, em que é indispensável a intervenção das classes populares na realidade, conforme seus próprios interesses e necessidades de classe. Os autores mencionam Hannah Arendt (1981) para ilustrar que a inserção de indivíduos vulneráveis na sociedade capitalista se dá pelo campo da natureza e não da política. O que Freire propõe com a Educação Popular é uma participação política do povo, uma participação ativa, transformadora e, principalmente, emancipadora. Para os mesmos autores: "Paulo Freire pensa o conhecimento a partir da dimensão do diálogo, o qual diz respeito a uma dimensão ontológica e não meramente metodológica: nos realizamos mediados pelo diálogo" (PACHECO JÚNIOR; TORRES, 2009, p. 44). Essa é a dimensão pela qual o MTST se apropria, buscando construir as suas pautas a partir do que é vivenciado junto com as populações vulneráveis às quais o movimento se dirige. Neste sentido, surge um aspecto indispensável à Educação Popular, que é a "importância atribuída à conscientização para ação política" (PACHECO JÚNIOR; TORRES, 2009, p. 44).

Brandão (2002) distingue quatro maneiras de enxergar a Educação Popular: a que a considera primitiva e não científica, sendo o último um privilégio na sociedade; a que reduz a Educação Popular às práticas profissionais relacionadas aos movimentos sociais; a que direciona a Educação Popular como um fenômeno datado relacionado

principalmente aos Movimentos de Educação de Base e às experiências de alfabetização popular; e, por fim, a que compreende a Educação Popular como contínua e participante na atualidade.

Nesse sentido, parte-se da premissa de que a educação "ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo" (GOHN, 1991, p. 16). Esse aspecto que reforça o papel da educação também pode ser alocado a um movimento social, sobretudo quando adotada a intencionalidade de uma abordagem crítica. Por sua vez, cabe destacar que a cidadania

[...] não se constrói por decretos ou intervenções externas, programas ou agentes pré-configurados. Ela se constrói como um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências engendradas (GOHN, 1991, p. 16).

Por essa razão, este estudo surge com o intuito de ressaltar a importância de iniciativas como esta, que visam a formação política no seio dos movimentos sociais, permitindo ao grupo de ingressantes o acesso a um conhecimento crítico, ao mesmo tempo que faz a difusão ideológica dos princípios coletivos.

Formação política no MTST

A formação de brigadistas da Escola de Base do MTST foi divulgada em sua página principal do Instagram, que conta com mais de 180 mil seguidores, e nas páginas regionais. Quem quisesse participar deixava seu telefone cadastrado na plataforma WhatsApp e as lideranças entraram em contato indicando a data, o horário e a contextualização do primeiro encontro. Posteriormente, os cadastrados entraram automaticamente em um grupo do WhatsApp em que os administradores postavam mais informações.

O primeiro encontro da formação foi feito exclusivamente *on-line*, sendo o único vídeo salvo na plataforma. Neste momento, representantes da militância, mais especificamente o quadro mais antigo e atuante do movimento, apresentaram alguns dos companheiros que conduzirão o

projeto regionalmente, além de introduzir a ideia do programa e seu cronograma geral. Neste ano de 2023, 4.500 pessoas se inscreveram pelo Brasil interessadas em aprender sobre o MTST. Destes, a organização ressalta a diferença de motivações de cada indivíduo, que vai desde uma qualificação intelectual, passando por um nível de vivências práticas pontuais, até a escolha de muitos a passarem a viver nas ocupações ativas do movimento, demonstrando uma disponibilidade máxima de envolvimento. Ou seja, a formação sugere algumas etapas, inclusive bem demarcadas entre si, também para contemplar desde os curiosos pelo movimento, até aqueles que estão dispostos a envolver-se integralmente.

O trabalho de base tem sua divisão por módulos, portanto, permite que a pessoa que tinha apenas um interesse periférico pelo movimento se sinta acolhida e contemplada pelo módulo inicial. Neste caso, é possível que ela siga sendo uma apoiadora do MTST, seja contribuindo com as demandas ou ajudando com a propagação das ideias, mas que não venha a fazer parte da militância em si. Essa espécie de "filtro" ajuda o movimento a ter certa noção prévia de com quem poderá ou não contar para dar conta das inúmeras atividades que fazem parte da sua rotina. Ainda, o fato de ter um módulo inicial com a intenção de falar sobre os principais aspectos do movimento, também contribui para a disseminação das ideias do grupo em um sentido factual. Esse ponto é altamente significativo, uma vez que a grande mídia e certas organizações da direita são historicamente ágeis na tentativa de marginalização.

Sobre o aspecto mais subjetivo da formação, a equipe envolvida na organização dos módulos de formação indica que, apesar de muitas vezes possuírem ótimas representações gráficas do movimento, existem coisas que não podem ser expressas pelas redes sociais. Neste sentido, as dinâmicas presenciais são incluídas na formação de modo a buscar transmitir a ideia de que existe uma complexidade na atividade da militância. Quer dizer, busca-se ampliar a visão dos participantes sobre aspectos da relação cotidiana entre os que participam, de uma forma ou de outra, do movimento social. Essa

dimensão mais subjetiva e que, portanto, não pode ser contada, necessita da interação do militante com elementos organizativos da vida dos que vivem nas ocupações, por exemplo. Mesmo morando na mesma cidade e compactuando ideologicamente de uma matriz política progressiva, há uma abissal diferença nos modos de vida entre os que militam e os que se encontram, efetivamente, em uma situação de vulnerabilidade. Ou seja, as dinâmicas de vivência são uma parte da formação que buscam retratar um pouco das questões que emergem nas ocupações em um contexto da alteridade. A Escola de Base, sobretudo no seu primeiro módulo da formação, propicia por meio dessas dinâmicas a compreensão do funcionamento do movimento social, ainda que os interessados optem por não seguir na militância.

Na primeira aula, após assistir ao vídeo, os inscritos receberam uma senha para acessar a plataforma virtual da Escola de Base do MTST, em que já estava disponível um vídeo e dois textos referentes ao próximo encontro. O tempo disponível para assistir ao vídeo e realizar as leituras foi de apenas uma semana, com o debate posterior. Para a etapa dos debates, o estado do Rio Grande do Sul foi dividido em três grupos via WhatsApp, por exemplo. Os grupos justificam-se pela possibilidade de ofertar dias e horários distintos para que se debatessem a aula e os vídeos, além de um grupo voltado apenas para a organização dos debates presenciais. No caso dos encontros presenciais, a maioria deles foi realizada na Cozinha Solidária da Azenha.

A primeira etapa do curso foi marcada majoritariamente por palestras que foram transmitidas de maneira híbrida. Sempre havia uma organização presencial para que todos pudessem acompanhar a aula juntos e, na sequência, traçar um debate sobre o tema. Portanto, apesar de as aulas presenciais terem acontecido todas em São Paulo, as capitais contaram com a transmissão em um telão, reunindo todos os inscritos para assistir juntos e debater ao final. Aos que não poderiam se deslocar, foi colocada a possibilidade de acompanhar o curso pela modalidade *on-line*, de maneira síncrona, sendo o debate feito

também de forma remota alguns dias depois da aula. Entretanto, dois destes nove encontros contaram com dinâmicas sobre as práticas, tendo sido realizados exclusivamente presencial em cada região.

O primeiro encontro foi sobre "Religião e religiosidade popular", conduzido por Nancy Cardoso. A palestrante se apresentou como uma religiosa, militante e estudiosa sobre as questões identitárias. A exposição do tema deixa claro um ponto muito caro ao movimento, que é uma postura de compreender a religião como subsidiária das populações em situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, coloca-se como imperativa uma postura de respeito diante da diversidade religiosa.

O terceiro encontro foi com o palestrante Caio Amore, professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (USP) e trabalha com assessoramento nas ocupações. Em um primeiro momento, Amore levantou a pergunta "o que precisa para uma cidade existir?" e depois realizou uma dinâmica para as pessoas presentes na apresentação presencial, ouvindo as respostas de quem se interessasse em responder. A partir destas respostas, ele construiu uma definição trazendo exemplos práticos. De cada exemplo o palestrante foi aprofundando o tema para expor como as desigualdades estão presentes no cotidiano urbano e no que se pensa ser necessário para uma cidade existir.

O quarto encontro seguiu com o formato presencial-híbrido e debateu as estratégias políticas do MTST, guiado por Guilherme Boulos, figura política mais popular do movimento. Boulos apresentou um breve apanhado histórico sobre a inserção do Movimento na política brasileira, incluindo um período que considera apartidário e até mesmo apolítico, em uma posição que levava ao isolamento. Boulos frisou a importância do trabalho de base, que é responsável por aproximar a periferia do centro e como o MTST assume uma relação "de baixo pra cima" com a política, ressaltando que é nas ocupações que se estabelecem as diretrizes. Boulos também falou sobre a locação social rompendo a ideia de propriedade privada, com aluguel simbólico

e ambiente de passagem para que os cidadãos possam crescer de maneira digna e segura e deu um olhar otimista para a gestão federal atual, que acredita na implementação das cozinhas solidárias como política pública, sendo geridas pela base do Movimento, mas com recursos públicos.

No quinto, sétimo e nono encontros, a dinâmica de aprendizado foi propositalmente distinta do que vinha sendo colocado até o momento. Saindo da estratégia das aulas acompanhadas por leitura e debate, esses foram encontros marcadamente vivenciais, em que ferramentas de dramatização em grupo foram mobilizadas. Trazendo um caráter mais prático aos militantes presentes, foram discutidos temas mais sensíveis, como, por exemplo, a lógica de organização das prioridades no momento da conquista da moradia e modos como o movimento costuma tratar com questões como a do aborto e da religiosidade. Nesse espaço, por meio de vivências, o grupo era envolto por uma narrativa de uma situação real e tinha como tarefa o encaminhamento coletivo da resolução dos problemas. Esse formato de condução do grupo trouxe não só condições aos participantes de experimentar uma discussão recorrente ao movimento, como ainda ser mobilizado por alguns afetos presentes no momento da dinâmica, o que não seria possível em um formato de aula expositivo-dialogada.

O sexto encontro foi conduzido presencialmente no Distrito Federal e transmitido *on-line* e nos telões das ocupações onde ocorreu a modalidade presencial. Rud Rafael falou da ocupação do Sol Nascente, que se caracterizou como a maior favela do país e representativa na história da segregação espacial brasileira. Rafael falou sobre a importância do diálogo com outros países para o crescimento do Movimento, buscando encontrar respostas para as crises, propostas políticas de construção de poder popular e transformação social, compreendendo a necessidade de pensar a América Latina como uma representação do internacionalismo a partir dos territórios.

Rud Rafael apresentou um panorama sobre os Movimentos Sociais Urbanos na América Latina em uma linha cronológica, pincelando as demandas

de alguns movimentos importantes e traçando um paralelo de algumas experiências de outros países com as práticas do MTST. Após a fala dele, diferentes representantes de ocupações e Cozinhas Solidárias entraram ao vivo, apresentando um pouco de onde estão assistindo e enviando algumas perguntas para o palestrante, que, posteriormente, respondeu com atenção. Esse caráter integrado das aulas transmitidas à distância, trouxe uma noção de articulação do movimento nos estados. Ainda que a aula fosse transmitida apenas de uma capital, o Núcleo de Tecnologia providenciou o panorama dos demais encontros ao redor do Brasil, mostrando que ali havia uma coesão, resultado de um programa pensado a partir das premissas nacionais do movimento.

O oitavo encontro teve como palestrante o educador popular Emilio Gennari, seguindo a dinâmica híbrida da maioria dos encontros. Emilio falou sobre os critérios que influenciam o pensamento das pessoas na periferia, como a mídia, o pensamento da maioria das pessoas e a razão econômica. Ilustrou com exemplos sobre como parte da população vulnerável acaba sendo guiada pelo desespero pela sobrevivência, pela instabilidade do seu entorno, pelo medo constante e por líderes religiosos que vivem em seus ambientes. Ele insistiu que somente convivendo com o povo pode-se falar com propriedade a linguagem desta parcela da população e acessá-lo verdadeiramente. Emilio explica como as pessoas se culpabilizam pelas condições em que vivem e não conseguem enxergar a estrutura formada para levar até este fim, fixando-se somente no imediatismo e no individualismo.

Importante salientar que, em alguns dias do percurso de formação, foram realizados encontros festivos para a integração dos participantes. No caso de Porto Alegre, como as atividades aconteciam na Cozinha Solidária, tiveram diversas confraternizações ao longo da formação, organizadas pela equipe da cozinha. Essas atividades permitem que se tenha a criação de vínculo entre os que estão no curso da formação, proporcionando uma noção do sentimento de pertencimento ao movimento social.

Para a segunda fase da formação, foram apresentadas diferentes opções de setores em que os participantes em formação poderiam se inscrever. Por meio da plataforma *on-line* e respondendo um breve questionário, pode-se escolher entre: "arte e cultura popular do nosso chão" (núcleo de arte e cultura), "construindo uma pedagogia sem-teto" (núcleo de educação), "do barraco ao concreto" (núcleo de arquitetura), "autossustentação da luta: principais ações e desafios" (núcleo de finanças), "quem sabe mais luta melhor" (núcleo de formação), "as lutas da juventude brasileira e o trabalho de base" (núcleo de juventude), "quem não pode com a formiga, não atíça o formigueiro: narrativas na construção e as expectativas para o futuro do setor de comunicação do MTST" (núcleo de comunicação), "segurança alimentar é direito de todos" (núcleo de hortas), "a fúria negra ressuscita outra vez: construção e luta do movimento raiz da liberdade" (núcleo de negritude), "um direito que serve à luta do povo" (núcleo de direito), "programar, programar, o poder popular" (núcleo de tecnologia), "com o povo e para o povo: construindo a saúde sem-teto" (núcleo de saúde). Para o Rio Grande do Sul foram disponibilizadas as formações nas brigadas de comunicação, educação, arte e cultura, abastecimento: horta ou finanças.

Dentro dos núcleos escolhidos, foram marcadas aulas *on-line* para se apresentar o que norteia cada brigada, e no final semana seguinte um mutirão unificado em alguma ocupação do MTST. Em Porto Alegre, todos os brigadistas em formação foram encaminhados para a Ocupação Povo Sem Medo para auxiliar na organização do espaço, podendo contribuir na cozinha, roçada, limpeza, horta, manutenção de obras, entre outros. Este evento durou dois turnos, permitindo que todos tivessem contatos com os moradores da ocupação, incluindo as crianças.

Após a vivência setorial desta segunda fase, entre os meses de maio e setembro será realizada a etapa de militância, em que se prevê a participação ativa dos brigadistas dentro dos núcleos escolhidos realizando projetos estabelecidos na fase anterior. Entre as três fases da Escola de Trabalho de Base, cada pessoa pode

escolher seguir ou não adiante, mas fica nítido após a vivência prática dessa segunda etapa de transição, que o momento mais importante para a compreensão do Movimento é a atuação ativa no enraizamento da militância por meio da ação nas ocupações ou espaços do MTST.

Em um dos encontros do núcleo de Educação do Movimento ocorreu a fala de uma coordenadora do setor dentro de uma ocupação de São Paulo. Tendo em torno de 35 anos, a militante explicou que estava muito nervosa por estar assumindo a coordenação em sua comunidade, pois não tinha iniciado uma graduação e essa seria uma grande oportunidade para que ela entrasse no mundo da educação. Ela disse que não entendia parte do que era falado nos encontros, pois era uma linguagem que ela não dominava, mas que estava muito disposta a aprender. Prontamente todos os presentes *on-line* demonstraram apoio à nova coordenadora e se colocaram à disposição para explicar o que ela não compreendesse, prometendo abandonar a linguagem academicista que vinha permeando os primeiros trinta minutos da reunião.

Essa cena ilustra os desafios de construir um ambiente de aprendizagem dentro de um movimento social tão diverso quanto o MTST, em que militam e circulam diferentes graus de escolaridade. No entanto, o que realmente é indiscutível é o caráter freiriano inerente à práxis da qual se conduz a militância dentro deste movimento, que constrói o conhecimento de forma horizontal. Para Streck (2009), Paulo Freire compreenderia os movimentos sociais a partir de cinco elementos: como portadores de uma rebeldia transformadora da sociedade; com especificidades que os diferenciam de uma instituição; como preocupados com a busca da humanização; como lugar de constituição das pessoas como sujeitos; e como transcendentais para uma visão antropológica.

A horizontalidade enfatizada por Freire quando os indivíduos estão trocando conhecimento é ilustrada pelo seu desejo de permeabilizar o conhecimento científico e popular, como expressa:

Sem renunciar à sua experiência de intelectual, o conhecimento sistemático dela advindo, pelo contrário, junta àquela experiência o saber das

massas [...] e aprende a reconhecer a importância do seu papel sem superestimá-lo nem tampouco subestimá-lo [...]. Meu papel como intelectual só se solidifica, se robustece, só tem sentido na medida em que este papel se cumpre "com" as classes trabalhadoras e não "para" elas, pior ainda, "sobre" elas (FREIRE; FAUNDEZ, 2002, p. 68-69).

Ao retornar do exílio em 1979, Freire encontra o país efervescente quanto à organização popular, seja pelo advento de sindicatos e comunidades de base, seja pela forte organização dos movimentos operários do ABCD Paulista, que faria do pedagogo um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT). Freire enfatiza a importância da educação posta em prática dentro dos movimentos sociais, assinalando que esta seria sistematizada quando ocorresse uma mudança na sociedade (FREIRE; GUIMARÃES, 1982; SCOCUGLIA, 1997). A educação construída nesse contexto formaria uma compreensão crítica por meio da leitura do cotidiano e de uma análise de como a ideologia dominante e dominada se relacionam (FREIRE; GUIMARÃES, 1984).

No quarto encontro da Escola de Trabalho de Base, após a fala de Guilherme Boulos, foram apresentados ao grupo os argumentos construídos internamente pelo movimento até o momento que levou até a decisão do MTST em se associar ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Nesse encontro, foi feito o convite aos militantes para que se filiassem ao partido, uma ação que poderia dar às pautas do movimento uma maior força e visibilidade na própria disputa interna do partido a nível local e nacional. Tendo em vista tal intencionalidade, ocorreu uma exposição de ideias entre os presentes nas transmissões, concretizando um debate sobre a relação do movimento social com um quadro partidário formal.

Buscando assegurar que as decisões políticas pudessem convergir com as ideais do MTST, foi criado o "Revolução Solidária", uma tendência do PSOL que visa lutar pelas pautas já colocadas no MTST. Tais premissas são centradas nas causas das minorias periféricas, buscando salientar que é no trabalho de base que se encontram as demandas

que devem guiar o partido, e não o contrário. A propósito, Paulo Freire (1982, p. 125) já alertava que os partidos de ótica popular precisam compreender a dinâmica dos movimentos sociais, "sem jamais pretender, enquanto partidos, virar mentores desses movimentos sociais". Para o autor, o partido pode despertar o trabalhador para sua identidade como militante de classe e crítico da educação opressora, lutando por uma educação política que traga pertencimento ao trabalhador. Assim, percebe-se também que a constituição política do MTST se alinha ao pensamento freireano, no sentido de constituir-se de maneira sólida como uma educação política voltada à representação.

Considerações finais

No caso aqui descrito do MTST, salienta-se a importância de um programa permanente de formação como condição para a participação no movimento social. O conteúdo da formação tem um significado primordial no que diz respeito à assimilação ideológica por parte dos novos integrantes. Compreende-se a inserção do MTST dentro dos movimentos sociais urbanos como um sujeito cuja taxonomia está em transição. A mudança de foco dos movimentos sociais para o fenômeno da organização após os anos 1990, levou a uma mudança de foco no que diz respeito à análise da emergência de pauta voltada estritamente pelo direito à cidade e moradia digna. No Brasil, principalmente no que concerne ao período após a onda de protestos de 2013, as pautas dos movimentos foram alargadas, voltando-se a pensar inclusive em uma inserção na política partidária.

A construção de uma pedagogia sem-teto que o movimento pretende implementar, está em um olhar que parte da realidade das vivências com as populações vulneráveis em um contexto propriamente brasileiro. Ou seja, trata-se de um projeto de educação construído a partir do debate com os companheiros, por meio da criação de ações conjuntas, do pensamento mobilizado a partir e para o coletivo e da construção de equipes de trabalho que fortaleçam o movimento. Nesse sentido, a educação é vista como uma força mo-

tora fundamental na busca pelo enfraquecimento do sistema de desigualdades. Tal é a práxis que constitui a força do grupo de militantes.

A experiência oferecida pelo núcleo de formação do MTST por meio da Escola de Trabalho de Base, permite que os interessados vivenciem a militância por um caminho educacional fluido. Freire declarava que a educação do futuro estaria presente nos movimentos sociais. Por meio da Escola de Trabalho de Base, o percurso de formação da militância tem caráter associativo, trazendo consigo o legado da obra freireana. Nessa experiência, há uma possibilidade de seguir aprofundando múltiplas conexões possíveis entre a teoria e a prática, ou seja, entre a educação política e uma pedagogia sem-teto, como os próprios dirigentes do MTST declaram ter o desejo de construir em seus próximos passos.

Referências

- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 76, p. 49-86, 2009.
- ANDRADE, Ramon. MTST: ocupar, resistir e criar o poder popular. [Entrevista concedida a] Carolina de Mendonça. *Revista Badaro*, Campo Grande, 21 jan. 2022. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2022/01/21/mtst-ocupar-resistir-e-criar-o-poder-popular/>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária: Edusp, 1981.
- BOULOS, Guilherme. *Sem medo do futuro*. São Paulo: Contracorrente, 2022.
- BRANDÃO, Carlos R. *A educação popular na escola cidadã*. São Paulo: Vozes, 2002.
- FERNANDES, Bernardo M. Movimento social como categoria geográfica. *Terra Livre*, São Paulo, v. n. 15, p. 59-86, 2000.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. v. 1.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação: diálogos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. v. 2.
- GOHN, Maria G. M. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, p. 439-455, 2008.

GOHN, Maria G. M. *Movimentos sociais e lutas pela moradia*. São Paulo: Loyola, 1991.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

McADAM, Doug; McCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. (ed.). *Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures, and cultural framings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MELUCCI, Alberto. *Challenging codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MTST. Cozinha solidária. [S. l]: MTST, c2023. Disponível em: <https://www.cozinhasolidaria.com/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

NÚCLEO DE TECNOLOGIA DO MTST. *Metodologia de ensino*. [S. l]: MTST, c2023. Disponível em: <https://nucleodetecnologia.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PACHECO JÚNIOR, Israel; TORRES, Michelangelo M. *Atualidade do pensamento de Paulo Freire na educação popular: educação popular na perspectiva freireana*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

RIBEIRO, Marlene. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 113-128, 2002.

SCOCUGLIA, Afonso C. *A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: UFPB, 1997.

SIMÕES, Guilherme; CAMPOS, Marcos; RUD, Rafael. *MTST 20 anos de história: luta, organização e esperança nas periferias do Brasil*. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

SINGH, Ranjit. The decolonial turn is on the road to contingency. *Information, Communication & Society*, [s. l], v. 26, n. 4, p. 803-806, 2023.

STRECK, Danilo R. Uma pedagogia do movimento: os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 18, n. 36, p. 165-177, 2009.

TARROW, Sidney. Mentalities, political cultures, and collective action frames: constructing meanings through action. *Frontiers in Social Movement Theory*, [s. l], v. 16, p. 174-202, 1992.

TARROW, Sidney. *Power in movement: social movements and contentious politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

TARROW, Sidney. Transnational politics: contention and institutions in international politics. *Annual Review of Political Science*, [s. l], v. 4, p. 1-20, 2001.

THOMPSON, Edward P.; FONTANA, Josep. *Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Crítica, 1979.

TILLY, Charles; TILLY, Louise; TILLY, Richard. *The rebellious century: 1830-1930*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

TOURAINÉ, Alain. Rencontre avec Alain Touraine: entretien avec Jean-François Dortier et Patrick Maret. *Mensuel*, [s. l], n. 42, 1994.

VENDRAMINI, Célia R. Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. *Cadernos Cedex*, Campinas, n. 27, p. 121-135, 2007.

Financiamento:

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Julice Salvagni

Doutora em Sociologia (UFRGS). Professora no Departamento de Ciências Administrativas e no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Victória Mendonça da Silva

Graduanda em Administração Pública e Social. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Endereço para correspondência

JULICE SALVAGNI

VICTÓRIA MENDONÇA DA SILVA

Escola de Administração da UFRGS

Rua Washington Luiz, 855

Centro Histórico, 90010-460

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.